

RESENHA**Laura Carvalho. Valsa brasileira. São Paulo, Todavia, 2018. 192 pp.**FERNANDES, Thaís Cristina¹⁰

Diante do conflituoso contexto econômico brasileiro, análises econômicas e políticas inter-relacionadas destinadas a encontrar os problemas socioeconômicos reais, bem como os caminhos viáveis para suas soluções práticas, tornam-se indispensáveis. É o que se propõe em *Valsa Brasileira*, de Laura Carvalho. A autora tenta desvendar os episódios que levaram o Brasil do que chama de “Milagrinho” econômico, do governo Lula, a uma das crises mais profundas da história nacional, no governo Dilma e Temer.

Em um ambiente ainda predominantemente masculino, a voz de Laura Carvalho tem ganhado espaço principalmente pela simplicidade - nada empobrecida – ao falar-se sobre Economia Política. Professora Associada do departamento de economia da FEA-USP possui doutorado em Economia pela New School for Social Research e graduação e mestrado em Economia, é frequentemente denominada como um dos maiores nomes progressistas do país.

Carvalho também contribui semanalmente como colunista do jornal Folha de São Paulo, oferecendo análises sobre episódios atuais do cenário econômico. *Valsa Brasileira* é seu primeiro livro, considerado um sucesso devido à repercussão e quantidade de reimpressões desde sua publicação no primeiro semestre de 2018.

Sem rodeios nas primeiras páginas a autora deixa claro o que objetiva com a obra: Desvendar o motivo pelo qual a economia brasileira passou de um cenário de desenvolvimento – não apenas de crescimento, uma vez que houve reduções de desigualdades - para a crise em apenas sete anos. São apresentadas três teorias comumente utilizadas por diferentes grupos de especialistas, certa de que a crise não pode ser atribuída a um único fator como acontece com tais teorias, Laura prepara o leitor para uma análise nada simplista. De acordo com ela o modelo de crescimento dos anos 2000 não estava fadado ao esgotamento, o que determinou seu fracasso foi a adoção de uma política econômica equivocada.

¹⁰ Bacharel em Ciências Econômicas.

Enquanto o governo Lula realizava políticas que contribuíam com o desenvolvimento do mercado interno, proliferava a visão de que o crescimento era liderado pelo consumo enquanto o empresariado nacional passa exigir do Estado, como meio de ganhar competitividade do mercado externo, diminuição de custos. Em Dilma, este empresariado ganha espaço na política econômica e ocorre o redirecionamento no modelo de crescimento.

Apesar de ser uma análise complexa, o modo como o conteúdo é exposto não a torna exaustiva ou rebuscada demais, tratando-se de uma obra que abre mão do economês para conseguir alcançar diferentes leitores sobre temas que deveriam ser prioritários para aqueles e aquelas que buscam o desenvolvimento desse país. Além da breve introdução, o livro é dividido em cinco capítulos que acompanham cronologicamente episódios políticos e econômicos dos governos petistas e do pós-impeachment de Dilma Rousseff. Cada capítulo contempla subtítulos onde são explanados os temas e conceitos de maneira mais segmentada, mas não menos conectada.

Inicialmente, são expostas as condições que propiciaram o desenvolvimento econômico durante o segundo governo de Lula, uma vez que em seu primeiro mandato houve excesso de conservadorismo econômico empregado pela dupla Antonio Palocci (Fazenda) e Henrique Meirelles (Banco Central). O crescimento ocorrido em 2005 é essencialmente atribuído à expansão de exportação do país, não havendo contribuições das políticas empregadas como muitos conservadores insistem em afirmar ao enfatizar um caráter irresponsável do PT (Partido dos Trabalhadores) nos anos posteriores.

Já no segundo mandato de Lula, as exportações deixam de ser a centralidade da economia brasileira, quem ganha destaque é o mercado interno com aumento do consumo das famílias e investimentos. Foram desenvolvidas políticas tendo como base três pilares: Distribuição de renda, acesso ao crédito e investimentos públicos. Ao expor como cada pilar foi desenvolvido, Laura explica a partir de conceitos econômicos os ganhos obtidos.

Apesar de refutar algumas das críticas realizadas a esse modelo de crescimento, são apresentadas algumas limitações que dependeriam de implementação de políticas que conseguissem supera-las. O primeiro problema está relacionado à baixa competitividade e conseqüente fragilidade da indústria brasileira, que se caracteriza pela

falta de diversificação em sua estrutura. O segundo refere-se à inflação de serviços causada pelos ganhos salariais e o terceiro a concentração de renda em razão do caráter regressivo da tributação.

Mesmo sendo a sucessora de Lula, Dilma apostou em um modelo de crescimento industrial aos moldes asiáticos, ou seja, focado nas exportações. O Real valorizado e as altas taxas de juros tornam-se os maiores desafios da política econômica, que adota uma política fiscal contracionista e uma política monetária expansionista a fim de baratear os produtos brasileiros em relação aos estrangeiros.

O modelo definido por Laura como “Agenda Fiesp” - uma vez que procurou atender demandas das associações patronais, que apesar de atendidas não responderam como o prometido – contemplou a redução de juros, a desvalorização do real, a contenção de investimentos públicos, desonerações tributárias cada vez mais amplas, expansão do crédito do BNDES e represamento das tarifas de energia.

A autora aponta detalhadamente como cada uma dessas medidas foram aplicadas, bem como seus fracassos em relação à economia e consequentes contribuições para o aprofundamento de uma das crises nacionais mais profundas. Crise essa amplamente atribuída a um colapso fiscal causado pela ganância, excesso de Estado e distribuição de renda dos governos petistas.

No segundo governo de Dilma, a superação do déficit fiscal torna-se a principal variável para recuperação econômica. Além de reduções de investimentos sociais e em infraestrutura, é cogitada reforma da Previdência Social, o que de acordo com Laura faz de Dilma uma das lideranças mais antipopulares da história brasileira.

Com um cenário de crise econômica instaurado, a obra procura analisar a crise institucional durante o processo de impeachment de Dilma Rousseff. Sendo tão assertiva como sarcástica, muito em razão das inúmeras inconsistências e incoerências do sistema político nacional. Conclui-se que o caos foi promovido por dois grupos, o primeiro composto por políticos que tentavam se salvar da operação lava-jato, e o segundo referia-se a elite econômica que tentava repassar ao resto da sociedade os custos da crise econômica.

Ainda no governo interino, Michel Temer prometia políticas de austeridade fiscal optando por um caminho que pudesse garantir sustentação política, em detrimento

a alternativas sustentáveis para a crise. A PEC do teto dos gastos dá início ao que é conceituado como o desmonte do Estado de bem estar social brasileiro, que até então estava assegurado em Constituição Federal.

Tal como a ideologia Neoliberal, Temer transvestiu a liberdade menor de liberdade maior, a crise econômica se transforma na principal justificativa para bloquear agendas democráticas e a adoção de uma agenda ideológica de diminuição do tamanho do Estado. Apesar de anunciar sucesso nas políticas empregadas, as estatísticas econômicas favoráveis durante o governo Temer resultam da supersafra de soja e liberação de saques das contas inativas do FGTS, o nível de ociosidade da economia permaneceu alto.

Por fim, Laura realiza críticas não apenas ao Estado, mas a sociedade brasileira. Aponta as falhas dos modelos econômicos utilizados, assim como apresenta teorias que explicam as principais falácias do campo econômico e político. Conclui que a democracia brasileira é viável para o orçamento e aponta caminhos para o que nomeia de “Uma agenda para todos”.

A agenda que levaria ao crescimento sustentável e melhora da qualidade de vida da população, baseia-se na premissa de que apenas a volta do crescimento resulta em um cenário de equilíbrio fiscal, para isso o governo deve retomar os investimentos públicos em infraestrutura física e social e eliminar subsídios indiscriminados. Além disso, deve alterar o modelo de tributação, diminuindo os impostos indiretos e aumentando os diretos, adotar nova regra fiscal mantendo a margem de manobra e evitar os juros como a variável de controle da inflação. Sobretudo, precisa desenvolver o sistema produtivo a fim de atender a estrutura necessária e não de forma a atender o empresariado.

Apesar de ir contra a visão conservadora e neoliberal, não há meios de classificar a obra como esquerdista, pois também são realizadas duras críticas à esquerda brasileira. Laura realiza uma detalhada pesquisa em que pontua assuntos evitados por ambos os lados, muito em nome de sustentação política. Ao explicar teorias contrárias, a autora consegue realizar um debate justo que provoca reflexões individuais ao leitor ao invés de pregar doutrinação dos conceitos os quais defende.

Consegue desmitificar a ideia da Ciência Econômica como uma ciência exata ao demonstrar os fracassos de determinadas decisões macroeconômicas. Por exemplo, no

segundo Dilma, ao atender demandas empresariais o governo diminuiu a taxa de juros. Com a ação esperava-se que os investimentos aumentassem, causando aumento da renda, que aumentaria a demanda, aumentando os preços que por sua vez incentivariam os investimentos, em um ciclo denominado por Knut Wicksell como “Processo Acumulativo”. No entanto, a falta de expectativas de crescimento econômico fez o capital concluir que mesmo com juros menores o cenário não era favorável ao investimento. Ou seja, a existência de variáveis macroeconômicas favoráveis pode influenciar a decisão de investimento, mas é a microeconomia a responsável pela decisão (COSTA, 2009).

Quando traz os fatos políticos ao debate econômico realizando conexão direta entre política e as decisões econômicas, também consegue ter sucesso ao resgatar o conceito de Economia Política. Combate a visão atomística sobre os agentes econômicos, adotada pela ortodoxia neoclássica que elimina de seus modelos a complexidade do sistema capitalista, a fim de manter a simplicidade da ideia de equilíbrio (BELLUZZO E BASTOS, 2016).

Em um país com debates econômicos radicais e empobrecidos, Valsa Brasileira não é uma obra para ser lida como passatempo, ela deve estar na lista de leituras obrigatórias para educação e formação de brasileiros. Nela o leitor (a) conseguirá adentrar o universo político e econômico brasileiro, entender a crise na qual está inserido (a), seus verdadeiros motivos e responsáveis. Laura entrega um brilhante trabalho onde a principal variável econômica utilizada é o que deveria ser o “coração da Economia Política”: O pensamento. Não apenas o pensamento da autora, mas o pensamento do leitor (a).

Referências Bibliográficas

BELLUZZO, Luiz Gonzaga; BASTOS, Pedro Paulo Zahluth. Crises econômicas evidenciam reducionismo de modelos teóricos. **Folha de São Paulo**, mar.2016. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/03/1751590-criises-economicas-evidenciam-reducionismo-de-modelos-teoricos.shtml>>. Acesso em: 13 de julho de 2019.

COSTA, Fernando Nogueira Da. Macro e Micro: **O Difícil reencontro depois da separação**. IE/UNICAMP, Campinas, n.171, Nov.2009. Disponível em: <<http://www.eco.unicamp.br/docprod/downarq.php?id=1801&tp=a>>. Acesso em: 13 de julho de 2019.